

# PERCURSO INTELECTUAL DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: MODERNISMO, FOLCLORE E ANTROPOLOGIA.

Matheus Silveira LIMA<sup>1</sup>

- RESUMO: Autor bastante citado em diversos campos de estudos ligados às ciências sociais, Câmara Cascudo ficou mais conhecido, no entanto, através de seus livros dedicados ao folclore. Buscando evidenciar facetas menos conhecidas tanto de sua biografia – que inclui um intenso diálogo com o modernismo – quanto de sua vasta produção intelectual – que transcende os estudos do folclore, se enveredando também pela literatura e pela antropologia – este artigo apresenta, de passagem, outros elementos presentes em sua obra e que ajudam a percebê-lo, também, como um autor vinculado às ciências sociais, em especial à antropologia.
- Palavras-chave: História intelectual. Folclore. Antropologia. Modernismo. Pensamento Social Brasileiro.

“A cultura popular é a criança que continua em nós, em nossa formação cultural e social. Tudo numa paralela: de um lado, as superstições, os mitos e as histórias que nossa mãe nos contou, de outro o que aprendemos na escola, no dia-a-dia da cidade, as viagens e as máquinas. A cultura primitiva prolonga-se na cultura geral e nunca desaparecerá”.

*Luís da Câmara Cascudo (1972a, p.5).*

---

<sup>1</sup> UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié - BA – Brasil. 45700-000 - silveira\_lima@hotmail.com

## Introdução

Em 1968, ano em que se completou o cinquentenário das atividades intelectuais do escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo, a pesquisadora Zila Mamede iniciou um levantamento de tudo o que havia sido escrito por Cascudo e sobre ele, resultando no livro: *Luís da Câmara Cascudo – 50 anos de vida intelectual (1918 – 1968)*.

As fontes fundamentais desse levantamento se concentraram nos livros, artigos de jornais e revistas e ensaios em publicações diversas, que oferecem um painel praticamente completo, na vigência em que foi escrito, de toda a produção intelectual e da trajetória de Cascudo.

Esse estudo sistemático de Mamede estabelece, em perspectiva, a vastidão da obra de Cascudo e dos temas abordados por ele, divididos, segundo a autora, em sete: Literatura; História e Geografia; Biografias; Descrições e viagens; Etnografia e Folclore; Genealogia; Autobiografia.

Desde 1970, data de publicação do livro de Zila Mamede, outras obras de Cascudo vieram a ser publicadas ou descobertas. A despeito disso, substantivamente, não houve uma variação temática que fugisse muito da classificação feita por Mamede.

Em relação à quantidade de livros escritos por ele, sempre prevaleceu certa controvérsia acerca de seu número exato. Assim, fonte precisa e confiável é a indicação feita por Diógenes da Cunha Lima (1998), colaborador de Cascudo e autor do livro: *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. Cunha Lima cita 144 livros de Cascudo publicados e ainda outros 11 inéditos. A esses se deve acrescentar duas descobertas em formato de livro que foram publicadas em reportagem de João Gabriel Lima (1999, p.153): *No caminho do avião* e *A casa de cunhaú*. O que totaliza, portanto, 157 livros escritos.

Tal número evidencia que a obra de Câmara Cascudo é vasta e variada, o que dificulta um aprofundamento e uma discussão mais precisa de sua unidade teórica e metodológica. Por isso, este artigo pretende entender as matrizes intelectuais e as influências recebidas por ele, no sentido de melhor situá-lo na história do pensamento social brasileiro.

## Itinerário intelectual

Luis da Câmara Cascudo, assim como a grande maioria dos intelectuais brasileiros nascidos no século XIX, tem origem social em uma família com boas condições econômicas. Tal circunstância lhe permitiu uma formação educacional de boa qualidade, beneficiada por alguns requintes que ele considerava fundamentais, tais como os livros estrangeiros a que teve acesso e os professores particulares que seu pai, o Coronel da Guarda Nacional, Francisco Cascudo, um dos homens mais ricos da cidade de Natal, lhe proporcionava<sup>2</sup>.

Cascudo nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1898, para vinte anos depois, em 1918, nessa mesma cidade, iniciar a sua vida intelectual com a publicação no jornal *A Imprensa* – de propriedade de seu pai – de uma crítica literária intitulada “Bric a Brac”. Nesse mesmo ano, Cascudo ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, passando a viver a dupla condição de estudante e de colaborador do jornal de seu pai. Em 1921, lança-se também como escritor, com a publicação de *Alma Patrícia*, um estudo crítico e bibliográfico de dezoito escritores e poetas, nascidos ou radicados no Rio Grande do Norte. A literatura seria, portanto, uma motivação inicial para a tarefa que Cascudo incumbira para si: ser um homem das letras, o que, enfim, se concretiza através da decisão de abandonar a faculdade de medicina para ingressar na faculdade de direito, dessa vez no Recife, saindo do Rio de Janeiro, onde estava estudando havia três anos, pois abandonara a Faculdade da Bahia no primeiro ano para se transferir para o Rio. Portanto, o ano de 1922 marca o retorno de Câmara Cascudo ao nordeste brasileiro.

Nesse momento, ele já se encontra envolvido com o amplo movimento de questionamento da realidade brasileira, expresso entre outras manifestações na realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Cascudo esteve atento a essas transformações, o que pode ser confirmado por correspondência com Mário de An-

---

<sup>2</sup> A posição da família de Cascudo é emblemática da situação descrita por João Cruz Costa (1956) quando considera que “A partir de 1870, esta *nova burguesia* assume papel de importância, sobretudo, no setor intelectual”. Essa burguesia, para ele, seria “formada por militares, médicos e engenheiros” (COSTA, 1956, p.142). Costa prossegue seu estudo, todavia, asseverando que a plasticidade da estratificação sempre foi grande no Brasil, situação que também se aplica à família Cascudo, já que esta, no início da década de 1920, encontrava-se em grandes dificuldades financeiras, o que foi decisivo para que Câmara Cascudo abandonasse o curso de medicina no Rio de Janeiro para iniciar, algum tempo depois, o curso de direito que termina a duras penas no Recife, em 1928.

drade, num momento em que escrevia, inclusive, alguns poemas de inspiração modernista (CASCUDO, 1990).

Se, por um lado, ele estava envolvido com o modernismo paulista, por outro, essa sua volta ao nordeste, e mais especificamente ao Recife, também o influenciou bastante. Foi no Recife que Cascudo teve contato com o modernismo pernambucano, que ganhou força a partir de 1925 e que tinha como principal nome Joaquim Inojosa, e com o movimento regionalista de 1926, liderado pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (INOJOSA, 1968).

Já em 1924, Gilberto Freyre (apud MAMEDE, 1970, p.72) escrevia em sua coluna no jornal *Diário Pernambucano* sobre o segundo livro escrito por Cascudo, *Histórias que o tempo leva*, publicado nesse mesmo ano:

O autor da presente obra é daqueles que no Brasil vão procurando viver no fecundo contato das realidades da tradição regional, conseguindo impor no seu livro muita coisa que andava dispersa no ar da tradição norte-rio-grandense, conseguindo igualmente, com seu bom-senso e contra a história oficial, reabilitar as figuras que apresenta.

O ano de 1928 marca a conclusão do curso de direito e a volta em definitivo à Natal, para, ali mesmo, em 1932, ele e sua família se verem às voltas com dificuldades financeiras: seu pai, o Coronel Francisco Cascudo, homem rico de Natal, estava falido e, assim, Cascudo ingressou no magistério, sendo admitido como professor no Atheneu Norte-rio-grandense. Para tal admissão Cascudo teve que defender duas teses, que resultaram em dois livros: *Intencionalidade no descobrimento do Brasil*, e o *Homem americano e seus temas*, ambos publicados em 1933.

Adentrando na década de 1930, que foi de grande engajamento político, religioso e social, não só no Brasil, como na Europa e Estados Unidos, Cascudo manteve-se atento às discussões que se deram nesse período. Muito embora não se lançasse em grandes análises, como aquelas feitas pelos principais intérpretes da sociedade brasileira – caso de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior –, ele esteve exposto à influência das idéias que norteavam o debate de então.

Suas motivações intelectuais não partiam do debate com o culturalismo, como na obra de Gilberto Freyre, com os temas weberianos, como em Sérgio Buarque, ou marxistas, como em

Caio Prado Júnior, mas continham um cunho profundamente nacionalista. Sob o impacto da virada de 1930, suas motivações nacionalistas se mesclam com a vertente mais conservadora do modernismo e ele passa a se colocar na órbita do movimento integralista de Plínio Salgado. Tal guinada, só reforça em Cascudo o interesse pelo estudo do folclore, preocupação essa que, como é sabido, também era contemplada pelos modernistas de 1922, especialmente por Mário de Andrade, como um caminho para a compreensão do Brasil.

A relação de Cascudo com o integralismo é complexa, mas compreensível, tendo em conta seu interesse pelas “coisas brasileiras” Antônio Cândido, dirigindo um olhar distanciado ao movimento integralista nacional, mostra que, para muitos jovens preocupados com o país, “o movimento, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária, foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras”. (SOUZA, 1989, p.12). No caso de Cascudo, essa relação com o integralismo tornou-se mais clara com a descoberta do livro *No caminho do avião*, um ensaio sobre travessias aeronáuticas no oceano atlântico entre Brasil e Itália, livro que relata as façanhas da aeronáutica de Mussolini. Declarações de seu filho, Fernando Luís Cascudo, esclarecem ainda mais essa questão: “Quando era pequeno, vi várias vezes meu pai todo vestido de verde, com o sigma no braço e fazendo a saudação Anauê [...] Depois que começou a Segunda Guerra, no entanto, ele se arrependeu. Queimou a camisa verde juntamente com os livros sobre o assunto que havia na biblioteca” (LIMA, 1999, p.152-154). Na verdade, Cascudo foi além: devolveu em 1942 a comenda de *Cavaliere*, que recebera do governo italiano, em virtude da declaração de guerra aos países do Eixo por parte do Brasil.

Há que se ressaltar que o envolvimento de Cascudo com o integralismo não foi exatamente o motivo para que ele estudasse temas da cultura popular brasileira e do folclore. Da análise de suas obras, é possível defender a hipótese de que ocorreu exatamente o contrário: foi o seu interesse pela cultura brasileira – os costumes, as lendas e tradições do Brasil, temas que eram parte do discurso do integralismo – que o levou a se aproximar desse movimento, como, aliás, ocorreu com muitos outros intelectuais que fizeram essa opção claramente pelo interesse cultural que o integralismo despertava. A preocupação de Cascudo com o folclore vinha de longa data, segundo afirmava o autor, acrescentando que sua curiosidade inicial por essa temática remontava

às experiências da infância: “Menino, fui com minha mãe para o sertão [...] Não estudei a vida sertaneja há mais de meio século, vivi-a integralmente. Todos os motivos de pesquisa foram inicialmente formas de existência natural, assombrações, alimentos, festas, soluções psicológicas” (CASCUDO, 1972b, p.6).

Essa “temporada” de Cascudo pelo sertão potiguar deu-se em 1912 e percebe-se que essas temáticas do folclore e da cultura popular em geral o acompanharam durante toda a sua vida. Eram tema de debate nas cartas trocadas com Mário de Andrade nos anos vinte e redundariam em uma viagem feita pelos dois escritores juntos, em fins de 1928 e início de 1929, viagem que influenciaria a ambos e que resultaria em livros dedicados ao estudo do folclore.

No caso de Cascudo, o primeiro deles foi *Vaqueiros e Cantadores*, de 1939, época em que se efetiva seu rompimento com o integralismo e quando, desiludido com a política, mergulha de cabeça no estudo do folclore. A partir de então, essa preocupação renderia notáveis estudos dedicados ao tema, como é o caso do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de 1954, seguramente, o livro mais lido e mais comentado do autor. Há ainda, em sua obra, muitos outros livros dedicados exclusivamente ao tema, de que são exemplos emblemáticos sua *Antologia do folclore brasileiro*, de 1944, e os *Contos tradicionais do Brasil*, de 1946.

Se o grande interesse de Cascudo pelo folclore é um fato inegável, ainda assim é extremamente problemático defini-lo exclusivamente como folclorista; por isso é preferível se trabalhar com a idéia inicial de interpenetração de temas na sua obra, quando uns se difundem em outros. As etnografias que ele realizou também trazem estudos de folclore, ou recolhimento de estórias orais, como é o caso de *Geografia dos Mitos Brasileiros*, de 1947 ou ainda de *Jangada*, de 1957, de *Jangadeiros*, também de 1957, e de *Rede de Dormir*, de 1959. Estas últimas compõem uma trilogia etnográfica das mais importantes que foram escritas no Brasil.

É bem verdade que essa idéia contraria, em parte, a citada classificação feita por Zila Mamede, correta na delimitação dos temas estudados, mas que é mais bem aproveitada se deixarmos de “classificar” os livros de Cascudo a partir de uma única temática, já que ele quase sempre versa sobre várias, adotando uma postura interdisciplinar que o aproxima das ciências sociais.

Assim, é possível perceber que a obra de Câmara Cascudo está sob duas influências fundamentais: uma marcada pelos

acontecimentos históricos e pela profusão de idéias e correntes de pensamento, como, por exemplo, a influência modernista dos anos vinte e a integralista dos anos trinta; outra mais independente das circunstâncias políticas e do debate intelectual, ligada às particularidades da biografia do escritor, a sua experiência em Natal e a sua formação acadêmica nas cidades do Salvador, Rio de Janeiro e Recife.

Essa independência de Câmara Cascudo em relação ao contexto histórico pode ser percebida também em sua relação com a Comissão Nacional do Folclore (CNFL), entre as décadas de 1940 e 1960. Essa relação foi marcada por seu afastamento do “movimento folclórico” em função de duas motivações básicas: a) Cascudo concentra sua produção no tema da literatura popular, enquanto os demais folcloristas se concentravam nos folguedos; b) Cascudo mobiliza sua vasta erudição para realizar exercícios comparativos amplos, não tomando necessariamente o Brasil como uma referência de base, indo de encontro ao que recomendava Mário de Andrade e, tempos depois, Renato Almeida<sup>3</sup>.

## Cascudo e o modernismo

Cascudo afirmava ter com o modernismo em Pernambuco maior identidade que com o modernismo paulista:

Pertencia ao grupo do Recife, mas vale lembrar que a revista Antropofágica e o verde-amarelismo valorizaram muito o folclore, o índio, o cotidiano, ‘tupy or not tupy’, dizia o doido mor Oswald de Andrade em plena confusão de 22, e que me abraçou com muito carinho pela minha preocupação em descrever o dia-a-dia do brasileiro. (CASCUDO, 1972a, p.3-5).

Ainda que afirmasse fazer parte do modernismo pernambucano, possivelmente por apreço pela cidade em que se formou, Cascudo foi durante os anos 20, junto com Joaquim Inojosa, um dos intelectuais nordestinos mais engajados no movimento modernista de São Paulo.

A relação de Cascudo com o modernismo de São Paulo pode ser mais bem elucidada através da correspondência entre ele e Mário de Andrade, que viria a conhecê-lo em Natal em fins de

<sup>3</sup> “A tomada da nação como uma referência *à priori* – fundamental para o movimento folclórico brasileiro – é rara nos trabalhos de Cascudo, assim como nos estudos de folclore norte-americanos [ambos privilegiam o conto popular como objeto de análise]”. (VILHENA, 1997, p.279, grifo do autor).

1928, permanecendo no nordeste até o início de 1929, quando, inclusive, fizeram juntos a chamada “Viagem de descobrimento do Brasil”. Nesse momento, viram nas manifestações populares que lhes foram apresentadas uma temática que seria de forte influência sobre ambos, revelada, tempos depois, nos estudos que realizaram sobre a cultura popular e sobre o folclore.

Quanto ao movimento regionalista em 1926, mesmo que não haja nenhum registro de sua participação direta na empreitada, sem dúvida, Cascudo já mantinha ligações com o grupo do Recife. Em 1924, Gilberto Freyre, principal nome do regionalismo do Recife, escrevia o já citado comentário em sua coluna no *Diário de Pernambuco* sobre o seu livro, desse mesmo ano, *Histórias que o tempo leva* (CASCUDO, 1924). Ainda sobre a contemporaneidade e as relações de Cascudo com Gilberto Freyre e destes com o regionalismo, comenta Vânia Gico: “Talvez ainda requeiram maior densidade interpretativa, mas tudo leva a crer que o peso do regionalismo era grande no pensamento de ambos.” (GICO, 1998, p.100).

Outra possibilidade que pode ser considerada é a de se procurar entender a obra de Cascudo como mantendo uma certa distância das idéias do seu tempo, pois embora ele se envolvesse pessoalmente com os movimentos de cunho político e cultural, como o modernismo, o regionalismo, ou o integralismo, é difícil apontar uma obra de Cascudo que tenha uma influencia nítida desses movimentos, ou ainda apontar-lhe uma “fase” modernista ou integralista.

A complexa relação de Cascudo com as idéias de seu tempo – fossem elas modernistas ou não – aparece com bastante clareza e de forma conclusiva nessa passagem da tese de Vânia Gico:

No exercício da produção das idéias e do pensamento, Cascudo traria um itinerário inscrito nas idéias de seu tempo, no ideário dos ensaístas modernistas dos anos 20, sem, entretanto, avançar nas análises dos ‘explicadores da cultura brasileira’ dos anos 30. Desenhou mais ajustadas às matrizes do pensamento regionalista, embora percebesse o universal na temática regional, aproximando-se também do modernismo paulistano. O emancipacionismo das suas idéias seria expresso através do desvio às correntes metodológicas em evidencia, e da inovação na manipulação das informações dos meios de instrumentalizar sua obra. De um lado, ajustou-se a invariância, a reprodução; de outro se expressou através de um pensa-

mento desviante, articulando, no seu processo criativo, um pensamento de cunho mais totalizador. (GICO, 1998, p.100).

## Os estudos de folclore

Será apresentado, doravante, um pequeno painel da obra de Cascudo, seguindo as linhas gerais dos estudos de Zila Mamede e de Vânia Gico acerca de suas principais obras. Aos livros apresentados por elas, foram acrescentadas as obras *Vaqueiros e Cantadores* e *Geografia dos mitos brasileiros*, por serem dos livros mais citados e comentados de Cascudo. Com esse panorama, é possível perceber os temas e as idéias tratadas por ele, bem como o eixo articulador desses seus trabalhos mais conhecidos.

O livro *Vaqueiros e cantadores*, publicado pela Editora Globo de Porto Alegre, em 1939, foi fruto de quinze anos de dedicação, tendo em vista a quantidade de estudos e pesquisas que resultaram em exaustivo material documental, a partir do qual, inclusive, ele compôs outros trabalhos. Este livro traz os motivos principais da poesia tradicional sertaneja, classificando-a pelo ciclo social do gado, ciclo heróico dos cangaceiros e histórias dos bichos. Trata ainda da métrica das expressões poéticas, dividindo o material coletado em quadras, versos de sete-sílabas, décimas e parcelas, bem como em poesia mnemônica e tradicional, estabelecendo uma subdivisão para estas duas últimas.

*Geografia dos mitos brasileiros*, cuja primeira edição é de 1947, pela Editora José Olympio do Rio de Janeiro, surgiu da preocupação, segundo o próprio Cascudo, de “salvar material o mais avultado, o mais longínquo possível”. Neste livro analisa o contexto etnográfico e histórico do mito, registrando as histórias que advinham dos mitos ainda vivos, correntes e crentes na imaginação popular. Aqueles que se articulariam aos acidentes geográficos ou fenômenos meteorológicos e aos fatos sociais como família, trabalho, educação, amor, ou religiosos foram excluídos deste livro, para serem incluídos na *Etnografia tradicional do Brasil*.

O *Dicionário do folclore brasileiro*, publicado em 1954, surgiu de um fichário temático que virou arquivo e foi cogitado para compor uma “História do Brasil” ou uma “Enciclopédia brasileira”, na qual haveria também um dicionário. Não levando adiante o projeto inicial, o *Dicionário* tomou forma própria a partir de 1941 e mereceu dez anos de aperfeiçoamento e elaboração. Esse livro

traz a nomenclatura tradicional do assunto, o que inclui mitos, lendas e figuras indígenas que também pertenciam às populações mestiças, registrando as histórias contadas pelos caçadores, seringueiros e lenhadores das regiões brasileiras.

Em *História da alimentação no Brasil*, Cascudo concebeu nuances do folclore contidos na própria história dos grupos humanos nos seus itinerários e aculturações. Para isso viajou por países da África ocidental, onde pode discutir a origem, técnicas, recursos e condimentos da alimentação, além da participação desse cardápio na comida contemporânea nacional, investigando também a influência portuguesa. De maneira geral, esse livro pode ser entendido, segundo seu autor, como um inventário da “alimentação popular em sua normalidade e variância” dos dias festivos, do ciclo religioso, da comida antiga e suas modificações e, ainda, dos pratos tradicionais, percebendo os fazeres e prazeres alimentares como manifestações culturais. Para realizá-lo, Cascudo fez pesquisa de campo na África, em 1963, publicando-o apenas em 1967, pela Editora Nacional do Rio de Janeiro.

*História dos nossos gestos*, publicado pela Editora Melhoramentos, em 1976, traz do cenário cotidiano o elemento essencial de comunicabilidade, argumentando que os gestos, como expressão do pensamento convencionalizado pela mímica através do tempo, foram a primeira forma de comunicação humana, mantendo sua eficiência nos vários recantos do mundo no limiar do século XXI. Para Cascudo, o gesto caracterizava-se pela antiguidade, anonimato e persistência do motivo folclórico, podendo ainda ser pesquisado como uma “permanente” etnográfica, por ser documento vivo, simultaneamente milenar e contemplativo, individual e coletivo. Esse tema, que já havia sido estudado por Cascudo em *Civilização e Cultura* e no *Dicionário do folclore brasileiro*, ganhou atenção especial e forma definitiva em *História dos nossos gestos*, sendo esse o último livro escrito por Cascudo.

O livro *Civilização e Cultura*, publicado em 1973 pela Editora José Olympio do Rio de Janeiro, é, assim como o *Dicionário do folclore brasileiro*, fruto de anos de anotações em suas cadernetas. Ainda nos anos de 1960, Cascudo tentou publicá-lo, mas os originais acabaram se perdendo com um editor do Recife, sendo recuperados apenas tempos depois, muito danificados e precisando ser rescritos. Esse livro expressa, nas palavras de Gico (1998), as conexões entre fato social e folclore e, deste, com o fato cultural. Para Cascudo a etnografia geral não podia ser concebida como

uma mera subdivisão da antropologia cultural, uma vez que ele estava convencido de que todas as culturas nasceram do *ethnos*, grupo de gente reunida, e não do *anthropos*, unidade dispersa e aproveitadora do labor comum. Desse modo, Cascudo, em *Civilização e Cultura*, trabalha a fundo o conceito de cultura, embora compreendesse cultura como parte do fenômeno total da civilização. Esses conceitos são apresentados em alentada conexão com os pressupostos das principais correntes de pensamento da antropologia moderna, compondo assim o trabalho mais universalista e teórico escrito por Cascudo que, através dele, apresenta sua orientação antropológica, como etnógrafo e pesquisador do folclore.

## Cascudo e a antropologia

*Civilização e Cultura* é um livro bastante distinto das demais obras de Câmara Cascudo, pois é nele que o autor potiguar se vê na contingência de tratar mais diretamente de assuntos ligados à antropologia e mais especificamente à sua metodologia – depois de décadas realizando estudos em registros metodológicos próximos dessa disciplina – que vai sendo apresentada e relacionada com temas de estudos feitos pelo autor acerca da vida prática e da trajetória do **homem** ao longo da história. Por essa razão, Cascudo chama esse livro de etnografia geral, na medida em que traz descrições de hábitos humanos – como uma etnografia – e que seria geral por trazer alguns desses hábitos em sua utilidade, ou aplicação, em diversas sociedades, portanto em sua difusão universal.

Muito embora esse livro seja denominado de “etnografia geral” por seu autor, os primeiros capítulos são os mais ligados à teoria antropológica de toda a sua vasta obra. Neles há mais interpretação do que descrição e é, justamente, essa preocupação interpretativa, presente em *Civilização e Cultura*, que pode ser associada a uma antropologia em Câmara Cascudo.

O pensamento antropológico na obra de Luís da Câmara Cascudo é parte subliminar da extensa bibliografia escrita por ele, como dito, algo em torno de 157 títulos, onde diversos temas são abordados e sob a ótica de várias metodologias das ciências sociais, o que é fruto de sua formação erudita, mas eclética, como aponta corretamente Ednaldo Bezerra de Freitas (2003, p.68) em

sua interpretação dos “Ensaio de etnografia brasileira”, onde chama a atenção, ainda, para a polifonia de referências que incluem nesses “Ensaio” Marcel Mauss, Franz Boas e James Frazer<sup>4</sup>.

Como antropólogo, a conduta de Cascudo foi a de buscar descrever extensivamente aspectos do folclore, dos mitos, da história oral, da cultura popular de um modo geral, tendo nessa postura um princípio bem característico da escola funcionalista: era preciso descrever e entender funcionalmente as culturas antes que elas se extinguissem. Isso também serve para explicar a quantidade e variedade incomum de livros dedicados à cultura popular e ao folclore em geral<sup>5</sup>.

É possível, assim, apresentar algumas reflexões de Câmara Cascudo sobre teoria antropológica, especialmente aquelas presentes em *Civilização e Cultura*, para evidenciar esse diálogo do autor com as diversas correntes de pensamento dessa disciplina.

Começando pelo **Evolucionismo**, Cascudo certamente teve influências dessa corrente de pensamento, que em antropologia, segundo ele, significava trabalhar sob a orientação do método comparativo, cujo princípio era associar a frequência de certos fenômenos entre si, ou sua ocorrência numa ordem de sucessão regular. Entretanto, para ele, a comparação de sociedades inteiras se revela problemática, já que: “Não há culturas inferiores e nem superiores [...] Há sempre culturas, reuniões de técnicas para a vivência grupal. Não se sentem inferiores nem subalternos, tem quanto precisam [...]” (CASCUDO, 1973, p.18). Existe a possibilidade, contudo, de se comparar uma determinada instituição social, ou a afinidade entre duas instituições em sociedades diferentes, e dessa possibilidade Cascudo fez uso. Roger Bastide constata tal relação em análise de um livro de Cascudo:

No mais notável dos estudos que consagrou aos afro-brasileiros, Luís da Câmara Cascudo [em *Vaqueiros e cantadores*] estabeleceu a origem lusitana do gênero [o desafio de cordel], mas não se contentou com essa demonstração; quis pesquisar as origens longínquas

<sup>4</sup> Gonçalves (2004, p.17) também chama a atenção para o fato de que James Frazer era um dos autores prediletos de Cascudo.

<sup>5</sup> Em estudo bastante denso sobre o contexto em que consolida a antropologia britânica nas primeiras décadas do século XX, identificada fortemente com o funcionalismo, Adam Kuper afirma que “Havia um sentimento de que os fatos, que estavam ficando cada mais acessíveis, tornavam um tanto absurdo os ágeis esquemas evolucionistas e difusionistas. Além disso, esses ‘fatos’ poderiam em breve desaparecer com a extinção de todos os ‘primitivos’”. (KUPER, 1973, p.16).

dessas justas poéticas e remontou assim aos concursos alternados entre pastores gregos [...] tentando mostrar que o desafio é o momento de um gênero que se encontra em quase todas as sociedades dualísticas [...] Assim, a sociedade grega arcaica poderia não somente ser comparada à antiga sociedade chinesa mas ainda a sociedades mais primitivas, como a dos esquimós. (BASTIDE, 1959, p.71, grifo nosso).

Percebe-se, então, que o dualismo como instituição social pode ser relacionado a muitas sociedades, espalhadas no tempo e em espaços diversos, não sendo com isso, necessariamente, traçada uma linha evolutiva, mas sim uma busca da **compreensão** do fenômeno como fato social e histórico.

Essa perspectiva torna possível elaborar uma associação entre **história** e **função**, haja vista que há elementos perfeitamente integrados de uma sociedade, como é o caso do desafio no nordeste brasileiro, que cumprem nessa sociedade uma função determinada: a de tornar dinâmicos os valores dualísticos, como a diferença social e cultural entre estratos ou matrizes étnicas distintos, tema recorrente do desafio de cordel em sua estruturação eminentemente dualística.

É possível observar que a dualidade além de ter uma **função** determinada é, também, uma instituição histórica que existiu na Grécia e na China antiga, e a comparação entre essas funções nessas sociedades vai fazer sentido para que se compreenda melhor o fenômeno, não havendo, necessariamente, uma implicação evolucionista nessa perspectiva. Seria, antes, uma reconsideração das possibilidades interpretativas do método comparativo do que uma teorização de postulação evolucionista.

Contemporâneo do evolucionismo, o **Difusionismo** – segundo Cascudo, em *Civilização e Cultura* – postula que existem grupos humanos que irradiam tudo quanto usamos e conhecemos. O Difusionismo poderá identificar a descendência da remota influência, indicando os presentes traços essenciais e características denunciadoras da longínqua filiação material. O sangue, isto é as constantes tipológicas, garante “a paternidade insofismável” e as culturas seriam, assim, integrações sucessivas de modelos emprestados.

Cascudo vai combater esse argumento essencial do Difusionismo trazendo dados fisiológicos e defendidos pelos **paralelistas**, pontuando que certos elementos da cultura não precisaram ser difundidos: em todo lugar aonde o homem sentiu frio ele se

agasalhou com peles de animais. Prossegue considerando que aonde quer que se tenha sentido fome, utilizou-se de uma pedra ou galho de árvore como recurso predador de outras espécies.

Mas isso não significa que a difusão cultural é irrelevante, mas, tão-somente, que não é um processo totalizador, mas funcional, devendo, por isso sempre se submeter à análise os elementos específicos de uma determinada cultura que podem ter sido difundidos. Nessa linha, Cascudo trabalhou para definir a posição dos mitos brasileiros em cada lugar específico do país, tendo sempre em vista que o fato de um mito apresentar-se em um lugar onde não há identificação geográfica com ele é, exatamente, porque ele foi difundido e aceito até ser integrado aos quadros dessa sociedade.

É o caso dos mitos indígenas que guardavam íntima relação geográfica com o ambiente, caso da caopora, espírito protetor das matas. Os portugueses difundiram esses mitos indígenas por onde passaram e até onde muitas vezes não se tinha o costume da caça (CASCUDO, 1947). O tema dos mitos é apenas um elemento do processo de difusão cultural que houve no Brasil durante o período colonial, sendo recomendável um estudo mais aprofundado para se distinguir o que foi difusão e o que foi aculturação, uma vez que há de um para o outro a diferença da **aceitação** pela via da difusão em contraste com a **imposição** que é parte do processo de aculturação que uma cultura pode impor à outra.

Sobre o **Funcionalismo**, corrente teórica de forte apelo empírico e que surge nas primeiras décadas do século XX, Cascudo afirma sinteticamente que:

O funcionalismo é mais uma interpretação que uma doutrina de antropologia ou etnografia e ressalta a inter-relação dos elementos formadores de uma cultura. Inter-relação que significa um sistema de interdependências e de recíprocas influências. A função, se não chega a criar a forma, modifica-a no tempo e pode pressionar alterações noutros objetos dentro da mesma área de ação. (CASCUDO, 1973, p.37).

Seguindo essas afirmações, Cascudo entende o folclore como uma cultura mantida pela mentalidade do homem, não o vendo como algo determinado pelo material manejado ou pela chamada **cultura material**. Essa definição opõe-se, em essência, à conceitualização de folclore apresentada pelo materialismo histórico e que

teve em André Varagnac seu principal articulador nesse campo de estudos. Para esse autor, segundo Roger Bastide,

O folclore francês, mera sobrevivência da cultura neolítica no meio camponês do país, manteve-se quase inalterado até a segunda metade do século XIX, porque a estrutura aldeã como o regime de produção agrária, por alqueire, se transforma pouco desde essa época [...] e mesmo o surgimento do cristianismo nesse período não influenciou a mudança do folclore, e sim a introdução do maquinismo que tirou as aldeias do isolamento, e desmoronou o folclore [...] (BASTIDE, 1959, p.3.).

Entretanto, para que o folclore sucumba sob a influência das mudanças no modo de produção, como quer Varagnac, seria necessário que desaparecesse a própria função de uma dada manifestação folclórica na sociedade. É possível pensar na questão a partir de dados revelados por Cascudo em *História dos nossos gestos*, quando ele mostra como manifestação folclórica elementos permanentes das sociedades humanas como a saudação, o aperto de mão e o ato de acender velas para os mortos. De modo geral, os rituais de reviver e lembrar os mortos que acompanham a humanidade há dezenas de séculos, afirma Cascudo, têm sobrevivido a todas as transformações estruturais da sociedade sem se alterar.

Ou seja, alguns dados folclóricos podem desaparecer como conseqüência das mudanças estruturais: com a chegada dos caminhões de transporte de bois é possível que a profissão de vaqueiro desapareça e, junto com ela, desapareçam os aboios, cantos para a condução do gado que fazem parte do folclore nordestino<sup>6</sup>. Entretanto não é possível a partir daí se fazer uma generalização, já que há elementos que sobrevivem, como a já citada linguagem gestual, à qual se juntam a culinária, o folclore herdado da pré-história e as bebidas fermentadas, interligadas a festas de origens milenares.

Logo, o que se pode inferir dessa arriscada tentativa de interpretação antropológica da obra de Cascudo é que o processo de transmissão cultural, para esse autor, é bastante singular, podendo ter suas características variando a cada caso. Assim, o uso de um instrumental teórico e metodológico deve se adequar ao

---

<sup>6</sup> E que seriam uma herança legada dos árabes diretamente ao nordeste brasileiro. Segundo Cascudo, o aboió “Parece-me ter vindo dos escravos mouros da Ilha de Madeira, trazido o *aboiado* pelos portugueses emigrantes e não presença direta do elemento criador da monopéia”. (CASCUDO, 2001, p.25).

objeto estudado, que no caso do folclore é um objeto muito fluido, pois às vezes é milenar, outras vezes mais recente; ora sobrevive às grandes transformações econômicas e culturais, ora é eclético, multifacetado e mais sujeito a transformar-se continuamente. Assim, os estudos folclóricos e antropológicos de Cascudo apresentam como característica principal, como afirma Vânia Gico, um **emancipacionismo metodológico**, conceito que revela um critério equilibrado para se mensurar as contribuições que recebeu das diversas correntes de pensamento antropológico, mas também das venturosas contribuições que o autor dá a essa disciplina, através de suas etnografias e de seus ensaios interpretativos.

É, pois, um grande desafio em aberto estudar a fundo as conexões entre os estudos e ensaios realizados por Câmara Cascudo e as matrizes baseadas na teoria antropológica que poderiam tê-lo influenciado. Por outro lado, um desafio da mesma monta é perceber os elementos de sua obra que podem reinventar paradigmas e assim posicionar melhor esse tema que se encontra em aberto: o folclore se desmorona quando exposto às mudanças estruturais, como quer Varagnac, ou ele apenas se recria e se modifica no tempo, pois seria, antes de tudo, parte da estrutura profunda de uma dada cultura, como intuitivamente afirmava Cascudo?

## Conclusão

O período em que Luís da Câmara Cascudo atua como pesquisador e intérprete do Brasil é, possivelmente, o mais prolífico da história intelectual do país. Um momento de descobertas e de aprofundamento das questões políticas, econômicas e culturais. Nesse sentido, a obra de Cascudo está imbuída da tentativa de dar resposta menos aos desafios da modernização do país, temática cara ao período em questão, e mais em apresentar as características de uma cultura que, diante da modernidade, poderia mudar, extinguir-se ou descaracterizar-se, sem antes ter sido conhecida.

Essa perspectiva que permeia a conduta de Câmara Cascudo teve a virtude de torná-lo o personagem que, em grande medida, apresentou o país a si mesmo a partir das suas particularidades mais corriqueiras e cotidianas, fazendo dele um pensador não só ilustre, mas, para além desse fato, uma espécie de autoridade

sobre o folclore e a cultura nacional, raras vezes se encontrando autores que hajam cumprido papel similar em outros países. O prestígio de Câmara Cascudo transcende a academia e sob certos aspectos ganha ares de vulto da nação, levando-o, inclusive a ter a efígie em uma cédula da moeda nacional na década de 1980. Talvez as características de sua obra, extensivamente descritiva e com pouca influência das ideologias de seu tempo, tenham contribuído para apaziguar maiores resistências à démarche de Cascudo.

Entretanto, essa mesma característica – descritiva e apartada dos embates em torno da interpretação do Brasil – acabou contribuindo para colocá-lo muito cedo em um panteão, que fez com que sua obra tenha sido pouco estudada e problematizada, sendo até mesmo negligenciada pelas ciências sociais. Os poucos estudos realizados sobre Cascudo trazem, sem dúvida, contribuições importantes, mas são ainda insuficientes para responder às inúmeras questões que aparecem da vasta obra do autor, o que só será possível com o adensamento de investigações que se centrem nos aspectos mais especializados da infinidade de textos que o autor deixou como legado e que enfrentem, mesmo errando, as (imensas) possibilidades de interpretação da realidade abertas por ele.

LIMA, M. S. Câmara Cascudo's intellectual route: modernism, folklore and anthropology. *Perspectivas*, São Paulo, v.34, p. 173 - 192, July/Dec. 2008.

■ **ABSTRACT:** *Author mentioned in quite different fields of studies related to Social Sciences, Câmara Cascudo was best known, however, through his books devoted to folklore. Seeking to evidence not well known facets of his biography - which includes an intensive dialogue with Modernism – and also seeking to evidence his vast intellectual output - that transcends the study of folklore and is related to Literature and Anthropology - this article shows other elements in his work that help to understand him also as an author of Social Sciences, particularly of Anthropology.*

■ **KEYWORDS:** *Intellectual history. Folklore. Anthropology. Modernism. Brazilian Social Thought.*

## Referências

BASTIDE, R. *Sociologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Anhambi, 1959.

CÂMARA CASCUDO, um provinciano incurável. Direção Ricardo Miranda. São Paulo: Rede Cultura, 1998. Programa de TV.

CASCUDO, L. da C. *No caminho do avião: notas de reportagem aérea*. Natal: EDUFRN, 2007.

\_\_\_\_\_. *Mouros, franceses e Judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Luiz da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1990.

\_\_\_\_\_. *História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

\_\_\_\_\_. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. O folclore está vivo. [abr. 1972]. Entrevistador: Dailor Varela. *VEJA*, São Paulo, p.3-5, edição 189, 19 abr. 1972a.

\_\_\_\_\_. *Seleta*. Organização, notas e estudos de Américo Oliveira Costa. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1972b.

\_\_\_\_\_. *Locuções tradicionais do Brasil*. Recife: UFPE, 1970.

\_\_\_\_\_. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967a.

\_\_\_\_\_. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967b.

\_\_\_\_\_. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1959. (Coleção Vida brasileira).

\_\_\_\_\_. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Serviço de Documentação do MEC, 1957a.

\_\_\_\_\_. *Jangadeiros*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura: Serviço de Informação Agrícola, 1957b. (Documentário da vida Rural, n.11).

\_\_\_\_\_. *Trinta estórias brasileiras: seleção, estudo e notas*. Lisboa: Portucalense, 1955.

\_\_\_\_\_. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: INL, 1954.

\_\_\_\_\_. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. (Coleção documentos brasileiros, 52).

\_\_\_\_\_. *Contos tradicionais do Brasil: confrontos e notas*. Rio de Janeiro: América, 1946.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Martins, 1944

\_\_\_\_\_. *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. *A intencionalidade no descobrimento do Brasil*. Natal: Imprensa Oficial, 1933a.

\_\_\_\_\_. *O homem americano e seus temas: tentativa de síntese*. Natal: Imprensa Oficial, 1933b.

\_\_\_\_\_. *Histórias que o tempo leva: da história do Rio Grande do Norte*. Prefácio de Rocha Pombo. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.

\_\_\_\_\_. *Alma Patrícia: crítica literária*. Natal: Atelier Tipografia M. Vitorino, 1921.

COSTA, J. C. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

FREITAS, E. B. de. Ensaio sobre a etnografia brasileira. In: SILVA, M. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.67-71.

GICO, V. *Luis da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador*. 1998. 281f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.33, p.40-55, 2004.

INOJOSA, J. *O modernismo em Pernambuco*. Rio de Janeiro: INL, 1968. 3.v.

KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1973.

LIMA, D. da C. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.

LIMA, J. G. O limbo de Câmara Cascudo. *Veja*, São Paulo, ano 32, edição 1613, n.35, p.152-155, 1 set. 1999.

MAMEDE, Z. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual (1918-1968)*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

SOUZA, A. C. de M. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

VILHENA, L. R. da P. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: FGV: FUNARTE, 1997.

### **Fontes consultadas**

DEPOIMENTO: Luís da Câmara Cascudo. Direção Zita Bressane. Produção Fundação Padre Anchieta e Museu da imagem e do Som. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1978. Programa de TV.